

## NOTAS SOBRE O CONCEITO DE REPETIÇÃO NA PSICANÁLISE

*NOTES ON THE CONCEPT OF REPETITION IN PSYCHOANALYSIS*

Paula Maribondo de Oliveira<sup>1</sup>  
Vivian Martins Ligeiro<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho tem como objetivo expor as vicissitudes do conceito de repetição na obra de Freud e no ensino de Lacan, considerando sua relação fundamental com a pulsão. Para tanto, abordamos a repetição em dois tempos: o primeiro, no qual ela se apresenta como atuação (acting out) e articulada à pulsão sexual, à transferência e à resistência. No segundo momento, discorreremos sobre a repetição em sua relação com a pulsão de morte o que revela sua condição de estar para além da transferência e aponta para um encontro tíquico com o real. Enfatizou-se a radicalidade e originalidade de Lacan em seu retorno a Freud ao outorgar à repetição o estatuto de um conceito fundamental, o que havia sido desconsiderado entre os pós freudianos.

**Palavras-chave:** Repetição; Pulsão; Trauma; Real; Transferência.

### Abstract

The purpose of this work is to expose the vicissitudes of the concept of repetition in Freud 's work and in Lacan' s teaching, considering its fundamental relationship with the drive. To do so, we approach repetition in two periods: the first, in which it presents itself as acting out and articulated to the sexual drive, transference and resistance. In the second moment, we talk about the repetition in its relation with the death drive which reveals its condition of being beyond the transference and points to a tythic encounter with the real. Lacan's radicality and originality was emphasized in his return to Freud by giving repetition the status of a fundamental concept, which had been disregarded among the Freudian post.

**Keywords:** repetition; drive; trauma; real; transfer.

<sup>1</sup> Mestre no Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Associada ao Corpo Freudiano do Rio de Janeiro. Email: paula.maribondo@uol.com.br. Endereço: rua doutor Tavares de Macedo, 121/802. Icaraí. Niterói-RJ, Brasil. CEP:24220-215. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0850-9552>

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Associada ao Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, Brasil. Email: vivianligeiro@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6815-8264>

Sabemos a importância do movimento de retorno a Freud que Lacan empreendeu ao mostrar que “após a morte de Freud, a psicanálise passara a trilhar desvios ideológicos incompatíveis com aquilo que o mestre vienense avançara” (Jorge, 2017a). Lacan, no livro 11 de seu *Seminário*, eleva a repetição à condição de conceito fundamental e é em torno deste importante marco para a psicanálise que nossa investigação começa.

Em 1963, quando dirigia o seminário sobre os nomes do pai, Lacan é excluído da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), ou seja, é impedido de exercer a análise didática e as supervisões, denominadas de controle. Conforme explica Elisabeth Roudinesco (1998), a SFP era filiada a IPA – *International Psychoanalytic Association* –, a qual possuía a hegemonia dentro do movimento psicanalítico. Tendo sido originalmente criada por Freud e Sandor Ferenczi, em 1910, a Associação Internacional de Psicanálise foi adquirindo, a partir de 1925, contornos cada vez mais autoritários ao impor normas inflexíveis sobre a admissão e a formação do analista, que incluíam a obrigatoriedade da análise didática e da supervisão sob o pretexto de resguardar a psicanálise de práticas selvagens.

Ao ser expulso, ou, em suas palavras, excomungado, Lacan funda a EFP (*École Freudienne de Paris*) e retoma seus seminários, agora sob o título de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1998), a fim de dar continuidade ao seu projeto de “retorno a Freud”. Assim, conforme pontua Jorge (2017b), o ato de excomunhão de Lacan, sob o pretexto de não estar em consonância com os ditames éticos da psicanálise, revela justamente o oposto: a radicalidade de Lacan em sustentar, em seu discurso, o legado freudiano. O retorno aos conceitos fundamentais parecem ser consequência direta da “recusa do conceito” em que os pós-freudianos mergulharam.

Lacan (1964) propõe um emparelhamento entre os pares Inconsciente-Repetição e Transferência-Pulsão. Ao retomar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (inconsciente, repetição, transferência, pulsão), eleitos por Lacan (1964), Jorge (2010) aponta a estreita relação entre eles ao promover dois outros emparelhamentos: por um lado, temos o inconsciente e a pulsão como os dois conceitos fundamentais referentes à teoria psicanalítica, aos quais não temos acesso diretamente; por outro lado, o autor coloca a transferência e a repetição na condição de conceitos clínicos fundamentais, através dos quais podemos ter acesso aos dois primeiros.

Assim, a transferência dará acesso à realidade do inconsciente, ou seja, constitui-se como veículo de acesso ao saber inconsciente. A transferência é, na verdade, a transferência desse saber inconsciente para o analista, justificando a dimensão transferencial, descrita por Lacan, como sujeito suposto saber. Esta suposição de saber, feita pelo paciente ao analista, permite o acesso à dimensão de saber própria do inconsciente.

A repetição mostra-se como uma dimensão clínica privilegiada da pulsão, sobretudo em seu aspecto radical: a pulsão de morte. A repetição revela a insistência da pulsão em sua busca de satisfação que jamais será realizada por completo. A insatisfação da pulsão persiste, principalmente porque a pulsão é incapaz de obter o objeto que a satisfaria totalmente. É em torno dessa falta radical de objeto que o circuito pulsional desdobra-se. Jorge (2010) destaca, a partir de Lacan, a pulsão de morte como a essência de toda pulsão, dado que, mesmo sob a faceta de Eros, o que a pulsão insiste em obter é a satisfação absoluta.

Assim, é outorgado à repetição o estatuto de um conceito fundamental, já que havia sido desconsiderado entre os pós freudianos, tal como constatamos a partir das propostas trazidas por Joseph J. Sandler, psicanalista britânico que se alinhava à Psicologia do Ego. Nascida no interior da IPA, em 1939, nos EUA, a psicologia do ego era representada por Heinz Hartmann, Rudolph Loewenstein, Ernest Kris, Erik Erikson e David Rapaport. Sua concepção de subjetividade apoiava-se na onipotência do eu e em sua tentativa de adaptação à sociedade, privilegiando-o em

oposição ao isso e ao inconsciente. A função da análise seria a de tornar o eu autônomo em relação ao isso, com o auxílio do eu forte do analista. Promover-se-ia um controle das pulsões que permitiria a conquista da liberdade pelo paciente, em relação à opressão exercida pelo isso. A psicologia do ego, com seus ideais de controle, autonomia, saúde e bem-estar vai totalmente de encontro, sobretudo, à segunda tópica freudiana pautada no caráter demoníaco e central da pulsão de morte, no automatismo da compulsão à repetição e no mal-estar da cultura.

Em *O paciente e o analista*, de 1973, escrito em colaboração com Christopher Dare e Alex Holder, Sandler se propõe a examinar vários conceitos fundamentais da clínica psicanalítica, sob o argumento de que as diversas correntes psicanalíticas provocaram uma indefinição conceitual, ou seja, utiliza a mesma alegação de Lacan (1964) ao falar sobre a “recusa do conceito” pós-freudiana. No entanto, no texto de Sandler não encontramos a repetição entre os conceitos tidos como fundamentais, mas o conceito de atuação (*Acting out*), ou seja, o caráter demoníaco da compulsão à repetição é deixado de lado. Nas palavras do autor: “A repetição do passado, sob a forma de transferências contemporâneas, era, do ponto de vista de Freud, consequência da (impropriamente denominada) “compulsão a repetir” (Sandler, Dare et al 1973/1976, p.36).

Assim, para estes autores, a repetição é pensada exclusivamente sob a égide do princípio de prazer, negando sua vinculação ao pulsional – sobretudo à pulsão de morte – o que, contrariamente, foi a grande ênfase de Lacan (1964) ao vincular pulsão e repetição.

Consideramos que a repetição tem dois momentos importantes e decisivos na obra de Freud: um em 1914 e o outro em 1920. Queremos sublinhar que compreendemos esses dois momentos como duas faces de uma mesma repetição que só pôde ser abordada em sua radicalidadeno segundo momento, em 1920 – que será o ponto de retorno onde Lacan encontra meios de alçar a repetição como conceito fundamental–, com a formulação do conceito de pulsão de morte.

## A FACE SEXUAL DA REPETIÇÃO: A TRANSFERÊNCIA, A RESISTÊNCIA E A ATUAÇÃO

Apesar do termo “compulsão à repetição” aparecer pela primeira vez em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), que está contido nos *Artigos sobre a técnica* (1911-1915 [1914]), salientamos que neste período Freud não havia ainda formulado o conceito de pulsão de morte e se orientava sob a concepção do primeiro dualismo. Assim, o conceito de repetição está essencialmente vinculado à pulsão sexual, à transferência e à resistência, o que é sustentado nesse conjunto de textos.

Jorge (2017b) denomina “ciclo da técnica” os artigos de Freud, publicados entre 1911 e 1915, dedicados à prática analítica, que se caracterizam pela apresentação dos fundamentos do método analítico, e têm o valor de recomendações que auxiliam o analista a se situar em seu próprio estilo, sendo a única regra da psicanálise, a da associação livre. Este período sucede uma série de acontecimentos que levaram Freud a achar necessário e não mais adiável a dedicação à apresentação sistemática e problematizada das questões implicadas na clínica psicanalítica.

Em 1908, é realizado o I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo, que compõe “o núcleo do momento organizativo da psicanálise e o primeiro passo para o internacionalismo” (Ricci, 2005, p.125), além de ser, também, o ano em que a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras passou a se chamar Sociedade Psicanalítica de Viena, com a proposta de ser “uma estrutura em que psicanalistas e pesquisadores de várias cidades se encontram, trocam ideias, discutem” (Ricci, 2005, p.125). Dessa forma, Jorge (2017b) sinaliza que a psicanálise já havia

conquistado um espaço público e continuaria se expandindo, como confirma a “ida de Freud em 1909 aos Estados Unidos, para pronunciar conferências na Universidade Clark, o mais vanguardista ambiente acadêmico norte-americano da época” (Jorge, 2017b, p.59).

Em 1910, acontece o II Congresso Internacional de Psicanálise em Nuremberg, onde “tem início uma política da psicanálise a título pleno: uma direção para as pesquisas, um debate e uma verificação da experiência clínica” (Ricci, 2005, p.156). E, não menos importante historicamente, é neste mesmo ano que ocorre a fundação da Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

Com toda essa expansão da psicanálise no mundo, Freud se vê compelido a escrever um breve artigo chamado *Psicanálise Selvagem*, escrito igualmente em 1910, afim de propiciar a psicanálise um estatuto institucional e regulamentar. Tal iniciativa, de acordo com Paul-Laurent Assoun (2009) tem como objetivo resguardar a psicanálise de práticas selvagens, ou seja, dissonantes em relação à proposta analítica de Freud. Sendo um precursor de seus *Artigos sobre a técnica*, este texto traz críticas sobre algumas intervenções que se aproximam da sugestão e que possuem uma ênfase terapêutica e prescritiva que tem como objetivo fins curativos e imediatos (Jorge, 2017b).

No escrito técnico sobre *A dinâmica da transferência* (1912), Freud discorre sobre a vida erótica do sujeito e nos alerta que as experiências infantis, vividas desde os primeiros anos, marcam o psiquismo do sujeito e sua relação com o outro. Descreve que, no curso do desenvolvimento psíquico, parte das moções eróticas é dirigida para a realidade e a outra parte fica retida nesse curso, permanecendo na fantasia inconsciente. Freud supõe que tanto uma quanto a outra influenciam nas escolhas feitas em relação a vida amorosa do sujeito.

Desse modo, ideias libidinais antecipadas passam a determinar a qualidade e intensidade dos vínculos que o sujeito estabelece na aproximação de cada nova pessoa que encontra. A essa dinâmica, Freud denomina transferência. Seguindo esta montagem do vínculo amoroso, o autor declara ser compreensível que o investimento libidinal inclua o analista numa das séries psíquicas dos clichês estereotípicos que o analisando já formou. Denise Maurano (2006, p.16) acrescenta que se trata de um intenso laço afetivo que se estabelece de maneira “automática e independente da realidade” e que, no contato com o analista, “uma série de fantasias é automaticamente despertada e ganha novas versões”. Este fenômeno clínico, nos parece ser o que levou Freud a eleger a palavra ‘clichê’ para ressaltar que essas ideias são repetidas e reeditadas constantemente ao longo da vida da pessoa, na consideração de que, etimologicamente, a palavra clichê tem origem no francês *cliché*, e significa “placa de metal, ger. zinco, gravada fotomecanicamente em relevo, obtida por meio de estereotipia, galvanotipia ou fotogravura, destinada à impressão de imagens e textos em prensa tipográfica” (Dicionário Houaiss online). É através da transferência que o paciente atualiza essas ideias seja sob a forma de recordar ou repetir.

A transferência pode ser considerada como uma manifestação clínica e sistemática do inconsciente diferente das formações da vida cotidiana, trabalhadas por Freud entre 1900 e 1905 (sonhos, atos falhos, chistes), nas quais o inconsciente também se presentifica, mas de forma pontual e sem estar submetido à análise (Jorge, 2017b). Mais tarde, Lacan afirma que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” e que “a realidade do inconsciente é – verdade insustentável – a realidade sexual” (Lacan, 1964/1998, pp. 139-143). Ou seja, é por meio da transferência que o sujeito coloca em ato a relação entre inconsciente e pulsão, entre linguagem e sexualidade.

Neste momento, nos parece que o que se apresenta como resistência, essa tentativa de conservar o novo estado das coisas, é um dos efeitos da própria transferência. O campo da transferência já está estabelecido e disponível para o trabalho, o analista já foi incluído em uma das ‘séries psíquicas’, e a neurose quer mantê-lo neste mesmo lugar, quer permanecer repetindo esse investimento, o que demonstra o caráter conservador da pulsão

afirmado por Freud (1920).

O autor conclui que a intensidade e a insistência da transferência compõem efeito e expressão da resistência. Assim, Freud coloca que não podemos pensar simplesmente em 'transferência', mas temos que distinguir a transferência positiva da negativa, sendo esta última constituída de sentimentos hostis e agressivos. Já a transferência positiva pode ser dividida: a de sentimentos simpáticos e afetuosos, que são admissíveis à consciência, e a de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente e que remontam a fontes eróticas. Acrescenta que a psicanálise nos indica que, na transferência, o conteúdo é sempre originalmente sexual, pois "pessoas em nossa vida real [que] são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente" (Freud, 1912/1996, p.117).

Logo, os fenômenos da transferência são aqueles "que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos as moções eróticas ocultas e esquecidas do paciente" (Freud, 1912/1996, p.119). Por este motivo, como vimos, a transferência surge, na análise, como sua mola propulsora e como a resistência mais poderosa. Como compreender que esta ferramenta, sem a qual a análise não procede, possa se configurar como obstáculo ao tratamento?

É neste embate, portanto, que vemos expressa a insistência do analista em manejar a transferência, durante todo o processo, para ir atravessando as resistências que, inevitavelmente, irão surgir. O conflito precisa se fazer presente através da transferência, incluir-se na cadeia discursiva para que possa ser elaborado ao longo do processo analítico.

No texto *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914), Freud descreve a repetição, assinalando sua relação com outros conceitos valorosos para a clínica psicanalítica: a transferência, a resistência e a atuação.

Freud inicia este artigo por lembrar-nos as "alterações de grandes consequências que a técnica psicanalítica sofreu desde os primórdios" (Freud, 1914/1996, p.163). Em um primeiro momento, ocasião que iniciou seu trabalho com Breuer<sup>1</sup>, havia a tentativa de trazer à tona o momento em que os sintomas se formavam – através do método catártico e do uso da hipnose – e, deste modo, reproduziros processos mentais a fim de conduzir as descargas para a atividade consciente, isto é, recordar e ab-reagir.

Posteriormente, a hipnose é deixada de lado e o método psicanalítico passa a ser fundado na associação livre. A partir desta, o que o paciente não recorda passa a ser o que devemos descobrir através da interpretação das resistências, com o propósito de contorná-las. Apenas identificar o momento em que o sintoma se formou já não era mais tão somente o foco, a isso se soma a consideração de momentos prévios aos sintomas. E, mais adiante, finalmente, o analista se afasta do esforço em colocar em foco um problema ou situação específico, e "contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente (...)" (Freud, 1914/1996, p.163). Freud afirma que se trata de preencher lacunas na memória e superar as resistências devidas ao recalque. Logo, não foi por acaso que Freud abandonou a técnica da hipnose, ele percebeu que sob hipnose não há resistência e que o paciente não encontra condições de elaborar, depois, tudo aquilo que surgiu.

Ocorre que, quanto mais a análise caminha em direção a uma representação recalçada, maior é a força da resistência, que comparece como obstáculo à rememoração. O fenômeno clínico da resistência parece ser o ponto crucial para que Freud abandone a sugestão que as técnicas da hipnose e da pressão incluíam em seus modos de operar, e vai apostar no fluxo das associações livres. Assim, em posição contrária à relação entre a técnica da hipnose e o recordar, a técnica psicanalítica, fundada nas associações livres, está intimamente ligada à repetição

Podemos entender que aquilo que não é recordado tende a ser repetido em ação, o que nos leva a pensar que podemos considerar a repetição, ela mesma, uma forma de rememoração. A atuação é movida por motivos inconscientes, quer dizer, aquilo que o paciente não recordou, não elaborou na análise, vai comparecer em ato.

A atuação (*acting out*) é uma ideia trazida pelos psicanalistas de língua inglesa com a finalidade de traduzir o verbo alemão *agieren*, utilizado por Freud (1914), para descrever a colocação em ato – realizada de forma inconsciente pelo sujeito – dentro ou fora da análise, para se esquivar da recordação e conseqüente verbalização do recalcado (Roudinesco, 1998). O *acting-out* consiste, segundo Lacan (1962-63/2005), em um modo de agir frente à angústia. Sublinha-se que Lacan (1962-63/2005) o diferencia da passagem ao ato, que se configura numa dimensão de um ato que ultrapassa o sujeito e que o faz sair da cena simbólico- imaginária.

Desta forma, no *acting-out* parece haver a denúncia de algo da ordem do desejo, mas que também traz a marca da compulsão à repetição. Portanto, podemos pensar que o analisando vai repetir em análise e essa repetição é bem-vinda, e este é o lugar onde o *acting-out* é lançado como uma comunicação ao analista. O sujeito tenta dizer algo por meio de uma dramatização, de uma mostraçãõ.

Podemos compreender a vinculação entre a repetição e o *acting-out*, mas é importante destacar que este não é pura expressão da repetição, ele também possui o valor de um endereçamento, uma mostraçãõ endereçada a qual pode ser dirigida ao analista.

Nesta via, Freud (1914/1996) apresenta o conceito de neurose de transferência, a partir da qual a neurose comum é dirigida ao médico e os sintomas ganham, assim, uma nova significação. Dessa maneira, caracteriza-se como uma neurose artificial que se constitui a partir da transferência e em torno do analista, na condição de uma reedição da neurose do paciente (Laplanche & Pontalis, 1988).

Há uma luta constante entre analista e analisando “para manter na esfera psíquica todos os impulsos que este último gostaria de dirigir para a esfera motora” (Freud, 1914/1996, p.168). Essa luta se expressa no trabalho de tentar levar o analisando a simbolizar, a colocar entre ele e o real, a linguagem. Lacan comenta um caso exposto por Ernst Kris (psicanalista e historiador da arte austríaco, representante da Psicologia do Ego), no *Seminário 1* – ao qual retorna em *Direção do Tratamento* (1958) e no *Seminário 10* (1962-63) –, onde o paciente em questão tem uma grave inibição em seu trabalho intelectual, uma dificuldade em escrever e a justifica pelo sentimento constante de se sentir um plagiário. Ele sente que rouba as ideias de seu principal interlocutor, um homem erudito e brilhante e afirma que esse é seu principal entrave. Um dia, relata ao analista que sua suspeita havia se confirmado: encontrara todas as ideias de sua tese já publicadas em um artigo. O analista lhe mostra de forma indiscutível que não era plagiador, pois lera seu texto e confirmou sua originalidade. O sujeito, sem conseguir contestar e não se importando com esse dado de realidade, ao sair da sessão de análise vai comer miolos frescos. Lacan critica a interpretação de Kris por tomar a direção de uma confrontação com uma realidade considerada verdadeira, a de que o paciente não é um plagiador. Diante da interpretação, o paciente realiza um *acting-out*, a fim de enviar uma mensagem ao analista, como se dissesse: “tudo o que o senhor diz é verdade, mas simplesmente não toca na questão; restam os miolos frescos. Para mostrá-lo ao senhor, vou comê-los ao sair para lhe contar isso na próxima sessão” (Lacan, 1962-63/2005, p. 139).

Freud (1914/1996) afirma que, na clínica, esta elaboração das resistências pode se revelar uma tarefa árdua para o analisando e uma prova de paciência para o analista. Portanto, parece-nos poder afirmar que o analista não deve se enfadar com a repetição, ao contrário, deve considerar que sua manifestação demonstra que há algo não simbolizado querendo emergir, dado que o ato tem uma dimensão simbólica.

A transferência é o palco privilegiado onde a repetição pode e deve se manifestar, pois é um indício de que algo pede para ser rememorado, podendo ser considerada como o primeiro passo para o recordar. Então, podemos pensar que a neurose está condenada a repetir e que a repetição se apresenta, ao mesmo tempo, como um pedido para elaborar e um obstáculo para rememorar.

Freud (1914/1996) ressalta que existe um tipo especial de experiências, de extrema importância, sobre as quais não se pode recuperar lembrança alguma. Esclarece que são experiências infantis que não puderam ser compreendidas na ocasião em que ocorreram, e somente a posteriori puderam ser assimiladas e interpretadas. Ainda neste texto, Freud relaciona as lembranças encobridoras à amnésia infantil, questões que trouxera em 1899 e 1905, respectivamente.

O conteúdo da amnésia infantil se constitui como uma espécie de pré-história oculta da própria vida sexual do indivíduo, que – embora tenha sofrido a ação do recalque – deixa os mais profundos rastros em sua vida psíquica. Diante da impossibilidade de recordar parte ou a totalidade da infância, as lembranças encobridoras têm o propósito de velar a amnésia infantil. As lembranças encobridoras são aquelas que se apresentam ao sujeito como se tivessem um conteúdo irrelevante e sem importância, mas, na verdade, encobrem um outro que, devido a seu alto valor psíquico, fora suprimido. Ainda que sejam recordadas com extrema nitidez e riqueza de detalhes, inclusive sensoriais, algumas destas lembranças não são verdadeiras, mas construções de uma cena infantil que representa a realização de um ou mais desejos. Assim, a inocência da cena infantil representa um hábil disfarce, sobretudo para os desejos de caráter sexual. Utilizando elementos de seu passado, um adulto pode construir uma lembrança “quase como uma obra de ficção” (Freud, 1889/2010, p.298) sem nenhuma preocupação com a veracidade histórica do conteúdo desta lembrança, a fim de colocar em cena um desejo recalcado. Portanto, as lembranças encobridoras são fantasias inconscientes que promovem a conjugação entre o desejo e sua interdição, a sexualidade e o infantil.

Assim, Freud aponta para um limite do pensamento e da rememoração. Lacan (1964/1998) destaca a relação entre o pensamento e o real que podemos extrair de toda a história da descoberta de Freud (1914/2010) sobre a repetição. “O real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar, a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra” (Lacan, 1964/1998, p.52).

## REPETIÇÃO E PULSÃO DE MORTE

A compulsão à repetição e a pulsão de morte são conceitos, prenunciados por Freud em *O estranho* (1919/2010) e desenvolvidos, no ano seguinte, em *Além do princípio de prazer* (1920/2010). Ao apresentar seu segundo dualismo pulsional, Freud demonstra o caráter conservador e repetitivo da pulsão de morte – e da pulsão de forma geral – dando um novo estatuto à repetição, diferente do que lhe fora atribuído em 1914 no escrito técnico *Recordar, repetir e elaborar*. No artigo de 1919 – escrito em concomitância com *Além do princípio de prazer*, de 1920 –, ele já esboça a concepção de repetição como algo para além do princípio de prazer.

O conceito de pulsão de morte não se constitui apenas como uma noção teórica da obra freudiana, mais ainda, é o grande passo que leva Freud a uma verdadeira posição subversiva da clínica analítica a partir da qual o analista vai se deparar com o lado mais sombrio e violento da pulsão. Extraído da observação de diversos fenômenos clínicos e do campo da cultura, a pulsão de morte impõe a Freud a radicalidade da potência destrutiva do ser humano contra si mesmo (Lindenmeyer, 2017). No campo da clínica, Freud (1920/2010) se dedicou a demonstrar a estreita relação entre pulsão de morte, compulsão à repetição, reação terapêutica negativa e certas condutas masoquistas.

A neurose traumática é um tipo de neurose que tem o trauma como um elemento desencadeante, tendo sido definida por Hermann Oppenheim como uma afecção nervosa causada por um trauma real. Pode-se seguir dois desdobramentos possíveis ao trauma: o revelar uma estrutura neurótica já existente ou ele se torna parte determinante do próprio conteúdo do sintoma que se manifesta como pesadelo repetitivo, ruminação do acontecimento traumático, etc (Laplanche & Pontalis, 1988).

A neurose de guerra, segundo Roudinesco (1998), provém da categoria de neurose traumática. Com a Primeira Guerra, a questão da origem da neurose a partir do trauma ganhou força, o que resultou num intenso debate sobre o que causaria estes tipos de fenômenos. Psiquiatras foram solicitados, por militares, a darem pareceres afim de desmascarar simuladores, falsos doentes que estariam, portanto, realizando uma espécie de fuga na doença para escapar, conscientemente, das obrigações militares e, assim, poderiam ser acusados de desertores.

O psiquiatra Julius Wagner-Jauregg foi acusado de haver utilizado tratamentos à base de eletricidade para cuidar de soldados acometidos pela neurose de guerra, que eram acusados de simuladores (Roudinesco, 1998). Freud foi convocado a dar seu parecer acerca da ação de Julius Wagner-Jauregg, no qual (1955 [1920]) sustenta a legitimidade da neurose de guerra, sua natureza psíquica e discorda veementemente do tratamento elétrico, sobretudo a maneira com que Jauregg o utilizava, que não visava o restabelecimento do paciente, mas a sua adequação ao serviço militar.

A neurose de guerra entra em conflito com a proposta de Freud de que a neurose estaria intimamente vinculada à sexualidade, tendo sido resultado de um conflito entre o eu e as moções pulsionais do mesmo. Desta maneira, como estender tal dinâmica à neurose de guerra, uma vez que, neste caso, a finalidade econômica da pulsão pareceria contrariar o princípio de prazer, afastar-se da sexualidade? Assim, as neuroses de Guerra se distinguem das neuroses comuns por apontar algo além da pulsão sexual e do princípio do prazer, se colocando, portanto, como uma via para a formulação do conceito de pulsão de morte.

Freud conclui que a busca do prazer não seria a única finalidade da pulsão e, além desta, haveria uma outra. Colocando-se além do princípio de prazer, a pulsão de morte testemunharia a tendência inerente ao humano de retorno a um estado anterior à vida, que implicaria uma redução drástica da excitação, ainda que isso resulte em sua própria destruição. A compulsão à repetição, engendrada pela pulsão de morte é uma tendência “demoníaca” (Freud, 1920/2010, p. 38) do psiquismo à repetição do material submetido ao recalque.

Outro fator que levou Freud a sistematizar o conceito de pulsão de morte foi uma observação da vida cotidiana. Nos momentos em que sua mãe se ausentava, o neto de Freud brincava de maneira curiosa com um carretel ligado a uma corda: ele o jogava longe, emitindo os fonemas “Ooo”, interpretados pelo avô como *Fort*, longe, e quando o puxava de volta e o recuperava, gritava “*da*”, perto, aqui. Segundo Lacan (1953-54/1996), nesta vocalização se dá uma primeira manifestação da linguagem, já que a partir desta oposição de fonemas, a criança introduz no plano simbólico o fenômeno da presença e ausência. Neste jogo trivial, nomeado, então, de *Fort-Da*, Freud compreende a tentativa de a criança reproduzir a ausência e presença da mãe, tornando-se um personagem ativo em sua angústia de separação, o que parece marcar certa potência criativa da pulsão de morte. Para além da dimensão simbólica, encontra-se ainda, neste jogo, o gozo obtido na própria repetição, a repetição insistente de algo desprazeroso, daquilo que não cessa de não se escrever.

Depreende-se, segundo Lacan, do texto freudiano, duas modalidades de repetição que Lacan nomeia de *Autômaton* e *Tiqué*. A primeira, refere-se ao retorno dos signos comandados pelo princípio de prazer. A *Tiqué*

refere-se à função do real na repetição estando relacionada ao trauma. Visto que não pode ser colocado numa representação, o real é repetido na forma de um encontro faltoso, nomeado por Lacan (1964/1998) de *Tiquê*. Ao contrário do *Autômaton*, a insistência de certos significantes em retornar, comandados pelo princípio de prazer, a *Tiquê* promove o retorno do real traumático. Lacan (1972-73/1985, p.81) relaciona o real à categoria modal do impossível, como aquilo que não para de não se inscrever. Assim, segundo Lacan, “o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar. A ênfase deve ser dada ao ‘retorno’. É o lugar que ele [o real] descobre, o lugar do semblante” (Lacan, 1974). O real comparece como impossível de ser representado, mas, em seu retorno, é reencontrado pelo sujeito. Assim, na repetição deflagrada pela pulsão de morte, aponta-se para o real,

A função da *tiquê*, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (Lacan, 1964/1998, p.57)

Com efeito, Lacan afirma que a análise se configura como um “encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole” (Lacan, 1964/1998, p.55). Freud, a partir do trauma, fora convocado por esse real que escapole, e assim, inventou a psicanálise. E, ao longo de sua prática clínica, o real continua o assombrando, causando-lhe enigma.

A repetição é uma presentificação em ato e um ato em psicanálise não se reduz a psicomotricidade, a um simples fazer, pois traz uma resposta do inconsciente ao mais radical e fora de sentido e que, por isso, é indizível. Assim, um verdadeiro ato – que se difere de um comportamento – “tem sempre uma parte de estrutura por dizer respeito a um real que não é evidente” (Lacan, 1964/1998, p. 52). Lacan (1964/1998) toma como exemplo o *Sepuku* como evidência do que seria um ato. Conhecido no ocidente como *hara-kiri*, o *Sepuku* é um ritual suicida japonês que se tornou praticado, a partir do século XII, pelos samurais. O ato consiste em cortar o próprio ventre e expor as vísceras para aqueles que assistem, a fim de prestar honras e demonstrar coragem e autocontrole, por se tratar de um ato em público. A repetição aparece como uma colocação em ato e é este que nos informa do caráter real na repetição.

O conceito de repetição, decididamente, difere-se daquele de reprodução. Lacan localiza a reprodução nos tempos em que se usava o método da catarse: acreditava-se trazer de volta à cena traumática, tê-la em reprodução como se têm os quadros de pintores célebres (Lacan, 1964/1998). Entretanto, Freud já nos indicara que “nada pode ser pego, nem destruído, nem queimado, senão de maneira, como se diz, simbólica, *in effigie*, *in absentia*”. (Lacan, 1964/1998, p.52). Desta forma, só temos a possibilidade de repetir a cena traumática a partir do simbólico, dos significantes.

Vemos que, ao elaborar esses aspectos que a repetição comporta, Lacan possibilita distinguir a repetição da transferência. A repetição não é, portanto, apenas um dos elementos do fenômeno da transferência, pois esta está ligada a uma ficção e refere-se à realidade psíquica, realidade entrançada pela fantasia e edificada em torno de algo que não é possível de ser dito. A repetição indica este algo que se refere a uma dimensão do irrepresentável, que se refere ao pulsional.

Assim, não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida. A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas. (Lacan, 1964/2008, p.59)

Portanto, Lacan (1964/2008) compreende a repetição para além de um retorno de conteúdos infantis

recalcados, mas também aponta para um encontro tíquico com o real. Enfim, é nesse lugar onde algo da pulsão não pode ser simbolizado que o sujeito repete ao tentar inscrever o que é impossível de ser representado.

## Referências

- Assoun, P-I (2009). *Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1996). Psicanálise Silvestre. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, pp. 229-242 (original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996). A Dinâmica da transferência. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 111-119 (original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 159-172 (original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). Introdução à Psicanálise e as neuroses de Guerra. Apêndice: Memorandum sobre o tratamento Elétrico dos neuróticos de Guerra (1955[1920]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 219-232 (original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). Sobre los recuerdos encubridores. In: *Obras Completas*, vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu, pp.291-316. (original publicado em 1899).
- Freud, S. (2010). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras Completas*, vol. 7. Buenos Aires: Amorrortu, pp.109-224. (original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). Lo ominoso. In: *Obras Completas*, vol. 17. Buenos Aires: Amorrortu, pp.215-252. (original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). Más allá del principio de placer. In: *Obras Completas*, vol. 18. Buenos Aires: Amorrortu, pp.01-62. (original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Dos artículos de enciclopedia: "Psicoanálisis" y "Teoría de la libido". In: *Obras Completas*, vol. 18. Buenos Aires: Amorrortu, pp.227-254. (original publicado em 1923[1922]).
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – vol.2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2017a, junho). *Freud com Lacan: a psicanálise hoje*. Reverso, vol.39, no.73, Belo Horizonte. Acesso em 03 de maio de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952017000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100002)

- Jorge, M. A. C. (2017b). *Da psicanálise de Freud a Lacan – vol.3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1996). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (original publicado em 1953-54).
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 692-703. (original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (original publicado em 1962-63).
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2002). A terceira. In: *Cadernos Lacan*, publicação não-comercial Circulação interna da Associação psicanalítica de Porto Alegre, Vol 2. (original publicado em 1974).
- Laplanche, J.; Pontalis, J. (1988). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lindenmeyer, C. (2017). Comunicação oral: Seminários de pesquisa realizados na Université Paris 7 Diderot: Mémoire Master 2, recherche et doctorat.
- Maurano, D. (2006). *A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Passo-a-passo; 72)
- Ricci, G. (2005). *As cidades de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sandler, J.; Dare, C.; Holder, A. (1976). *O paciente e o analista: fundamentos do processo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago. (original publicado em 1973).

## Notas

<sup>1</sup> Josef Breuer, médico fisiologista austríaco, que se dedicou ao tratamento de uma paciente histórica – Anna O. – escrevendo com Freud os Estudos sobre a histeria (1893).